

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistador: Daniel Alessander Silva da Luz

Entrevistados: William de Jesus Silva

São Paulo, 28 de maio de 2023

Plataforma de realização: Presencialmente

ENTREVISTA COM WILLIAM DE JESUS SILVA

Vídeo 1

Daniel: Já está gravando, já coloquei aqui para gravar, mas só deixa eu... Eu vou dar uma palma. Eu vou usar uma técnica aqui para o vento não pegar. Não sei. Fala aí alguma coisa.

Sr. William : Oi, oi. Alô, Alô, Som? Som?

Daniel : Fala pra lá.

Sr. William: Alô? Alô? Som? Som?

Daniel: Fala de novo.

Sr. William: Alô? Alô? Som? Som?

Daniel: Quando eu der uma palma, aí você pode começar. Só vou pedir para você quando você começar a falar “eu autorizei essa filmagem”, só para... pode começar.

Sr. William: Antes que eu me esqueça, essa filmagem foi devidamente autorizada por mim, está certo? Já assinei as duas vias do termo de consentimento, então, “é nós”.

Daniel: Você quer que eu faça perguntas ou você quer que eu vá falando? É, pode ser assim, você pode começar, se você quiser que eu vá falando.

Sr. William: Vamos começar pela primeira. A gente pode ir pela sequência de perguntas que está no roteiro. Cara, o que dizer da minha infância e adolescência?

Daniel: Não seria melhor você se apresentar?

Sr. William: Bom, o que dizer, é que primeiro preciso me apresentar. Meu nome é William de Jesus Silva e eu tenho 30 anos. Nasci e moro em São Paulo, sempre na região central, atualmente estou morando na região da Bela Vista. Eu sou servidor público, trabalho no Ministério Público do estado de São Paulo, além de ser segundo tesoureiro do sindicato da minha categoria, o sindicato dos servidores do Ministério Público de São Paulo. Sou também estudante da USP Leste, atualmente estou fazendo Gestão de Políticas Públicas lá. O tema do meu TCC, inclusive, vai ser “políticas públicas para autistas adultos”. Sou também diretor de comunicação da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas, a ABRAÇA. Sou diretor criativo do instituto Vidas Negras com Deficiência Importam - o VNDI - e eu sou também militante do Coletivo Educação em Primeiro Lugar do PSOL. Sou também desenhista e artista plástico e sou uma pessoa autista e atualmente comecei a fazer parte da rede de novos defensores contra o capacitismo lá no Ministério da Educação.

Daniel: Eu acho que você pode começar agora falando um pouco de como foi a sua infância e sua adolescência e parte de como você descobriu o diagnóstico.

Sr. William: Eu começaria pelo seguinte, resumindo em uma palavra só: um *porre*. Até eu conseguir me ajeitar foi um *porre*, sabe? Lidar com o pessoal sugerindo até que eu fosse internado em hospício foi um *porre*. E assim, eu digo até que eu tive um pouquinho mais de sorte do que a maioria dos autistas racializados no Brasil, porque muitos não conseguem nem um diagnóstico porque a gente tem não só uma cultura capacitista, mas racista. Eu conheço muita gente que acha que o autismo, depois que a pessoa avança para a idade adulta, ela vira pó de pirlimpimpim ou simplesmente que

autista adulto não existe. Pois bem, existe, tem demanda e o poder público precisa olhar para isso. Mas, para eu não fugir do foco, eu diria que eu nasci quase morto, porque, quando eu nasci - nasci no dia 3 de janeiro de 94, no Hospital Beneficência Portuguesa - eu fiquei alguns dias internado. Assim, eu era o moleque da *pá virada*. Quando eu era pequenininho, eu cheguei a ser expulso de três ou quatro escolas infantis porque eu não podia ficar perto de outras crianças. Já queria avançar e ir pra cima, foi um começo bem complicado. Eu só fui sossegar depois que eu comecei a fazer o ensino fundamental e ainda assim tive que conviver com o bullying. Eu só fui ter o diagnóstico mesmo na adolescência, dos 14 para os 15 anos. Eu já fazia acompanhamento, mas eu comecei... olha, sabe, que curioso, eu comecei fazendo acompanhamento com fonoaudióloga porque eu demorei para aprender a falar. Eu fui começar a falar com quatro, cinco anos de idade. Eu tinha até uma ecolalia, que é uma palavra usada para quando o autista repete alguma palavra ou onomatopeia, para articular sensorialmente, e uma das minhas ecolalias era ler placas de trânsito. Aí, fiz fono, fiz acompanhamento com psicólogo, ainda faço, agora eu faço acompanhamento com um psicólogo do MP e eu cheguei a fazer acompanhamento psiquiátrico durante alguns anos. Cheguei a tomar remédio e, vamos ser bem honestos, os remédios prejudicaram bastante minha saúde física. Hoje eu estou em sobrepeso,

cheguei a tomar remédio que era calmante, mas ao mesmo tempo estimulante de apetite. Eu dei muita sorte de ter conseguido o diagnóstico no CAPS. Eu conheço muita gente também que fala que o CAPS não é lugar para autista. Isso é balela, isso é besteira. Isso é muitas vezes um discurso até elitista, porque muitas vezes os Centros de Atenção Psicossocial, os CAPS, acabam também recebendo demandas de pacientes em situação de dependência química e outras questões envolvendo saúde mental, outras neuro divergências e ainda existe uma hipocrisia. Não só preconceito, mas uma hipocrisia por parte da sociedade civil. E aí eu acho que nesse ponto a sociedade civil tem que ser também responsabilizada por parte por isso, porque ela por muitas vezes acaba retroalimentando todo esse sistema de exclusão. A gente acaba alimentando uma cultura de medo.

Daniel: Só voltando um pouco, assim, quando foi que você se percebeu assim de que você era um pouco diferente das outras crianças.

Sr. William: *o vento leva o papel da entrevista e se dá uma pausa. Logo, Sr. William retorna a falar.* Eu fui perceber mesmo depois do diagnóstico fechado. Quando eu tive o diagnóstico definitivo e eles falaram ‘na época da Síndrome de Asperger, eu, como todo autista, adolescente, adulto, tive que ir atrás porque quase não se falava. Isso no finalzinho dos anos 2000, no finalzinho da década de 2000 para a década de 2010. Fui atrás pesquisar, a Síndrome de Asperger era o que hoje é o transtorno do espectro autista, nível de suporte 1. Esse termo “Asperger” caiu em desuso já tem alguns anos. Primeiro porque o DSM dividiu o espectro autista em níveis de suporte e agora com o CID-11 em que eles englobaram e botaram tudo [como] TEA e até as categorias foram redefinidas. Eu estaria, acho que aquele “não sei o que” 62 que é espectro autista sem prejuízo do desenvolvimento cognitivo ou coisa do tipo, mas querendo ou não eu tenho algumas demandas com relação à parte sensorial. Mas enfim, foi aí que eu tive ciência, sabe? Abre uma porteira. Tipo, eu comecei a ver que eu não era louco e até nessa questão fui também criando um pouco de consciência a respeito disso, a respeito de questões como luta antimanicomial, saúde mental. E foi justamente no CAPS que eu comecei a aprofundar a minha parte artística. Eu diria que esse processo de aprofundamento começou a partir de 2010. Começou a partir do pessoal do coletivo das DASDOIDAS de saúde mental. O território deles é muito baseado no que a Nise da Silveira fazia, uma das grandes pioneiras da luta antimanicomial e do atendimento humanizado a pessoas psicodivergentes aqui no Brasil. E, assim, todo autista tem um hiper foco, e meu hiper foco... acho

que vou até pegar, se me permitem, uma pastinha aqui. Um dos meus hiper focos é esse aqui [mostra uma página de classificados da Folha de São Paulo com informações das eleições de 88 à câmera]. Velho, tem de tudo um pouco. Meu hiperfoco é política e principalmente eleições antigas.

Vídeo 2

Sr. William: Então, o hiper foco em política e principalmente em eleições e... velho, esse foi um dos fatores que me influenciou também até mesmo no processo de autodescoberta artística. Em 2010, o que eu fazia? Eu comecei a criar um universo de personagens fictícios tirados da minha cabeça em grande e comecei a colocá-los como candidatos a deputado federal, estadual, vereador, prefeito, presidente da República, com partidos fictícios. No começo tinha um nome pomposo “eleições brasileiras de videogame” porque eu me espelhava muito nos personagens de videogame: Mario Bros, “Pacman”, “Kratos de God of War”. Mas aí, primeiro: eu não tinha grana para direitos autorais e tive que começar a fazer meu próprio universo de personagens e de candidatos. Aí isso deu origem ao que era o 00:01:54”??, mas tinham muitos projetos com o mesmo nome e hoje até criei um perfil no Instagram que é “A turma do voto”. Eu cheguei a fazer alguns projetos em vídeo da “turma do voto”, fazendo paródias do horário eleitoral, isso por duas vezes, em 2012 e 2016. Mas acho que o que eu mais gostei de fazer foi o de 2012. Porque eu consegui um grupo de amigos para fazer, eu gostaria de fazer isso novamente esse ano, mas eu vejo que para isso eu precisaria ter mais dinheiro, mais gente envolvida. E, assim, eu criei o que eu chamo de personagem candidato. Eu comecei até a fazer alguns em alguns cards em formato de RPG desses personagens que eu fui desenvolvendo. Cada um com uma história de vida e tal, e também cada um com programa de governo. E, tipo, aí os caminhos da vida foram me levando a outras experiências...

Daniel: Foi na sua adolescência que você começou a desenvolver isso?

Sr. William: Adolescência, exatamente. Na adolescência já caminhando para a fase final da adolescência para o comecinho da idade adulta.

Daniel: Teve muita diferença entre a sua infância e a sua adolescência dentro do espectro?

Sr. William: Cara, acho que em termos de desenvolvimento e de convivência, eu acho que a diferença é colossal e também, cara, a minha família não entendia, o meu pai, principalmente, ele já faleceu, tem mais de oito anos que ele morreu. Sabe, eu era alvo de superproteção na infância. Eu só fui dormir fora de casa pela primeira vez na vida, sozinho, com 16 anos de idade. Eu acho que no fundo ele tinha medo que acontecesse alguma coisa de ruim comigo e tal. Mas meu pai não era lá uma pessoa fácil de se lidar. Era um cara às vezes muito duro. Mas ele era... nas horas em que era possível, ele era também gente finíssima. O que *fudeu* ele foi a porcaria da bebida alcoólica. No caso, nem sou, nem posso dizer que o meu caso é o único, porque não é. Tem muitas famílias no Brasil que passam por isso, cada uma com uma experiência diferente, com características próprias. Existe uma regra que depois vou falar nesse negócio, uma *thug live* do ativismo que criei para mim, tem uma regra que eu acho primordial: é não transformarmos experiência individual em parâmetro para comparar com experiências coletivas, porque cada experiência única tem um conjunto de características próprias, então não dá para gente ficar fazendo essas comparações, porque senão descamba para aquele negócio de fazer campeonato de tragédia e isso é desnecessário. Mas enfim, é, eu tive esses problemas na minha família, cara, a minha mãe é quem acabou brigando mais comigo. Esperava muito de mim, brigou muito para que eu tivesse uma qualidade de vida, sabe? E muitas vezes a maioria das coisas ficava nas costas dela. Meu pai ia trabalhar. Ele trabalhava numa chapelaria muito tradicional lá no centro de São Paulo, e minha mãe era o que muita gente chamava

antigamente de mulher do lar. Ela ficava tomando conta da gente e tal. E aí foi nesse mesmo período que eu comecei a desenvolver essa parte artística aqui que as coisas em termos de família começaram a desandar. Porque a minha mãe queria trabalhar fora, o meu pai não deixava e... eu tenho inclusive dois irmãos menores, todos eles já são adultos também né.

Daniel: Você tinha irmãos? Você tem irmãos?

Sr. William: Tenho, só que eles moram fora de São Paulo. Atualmente, minha mãe está morando numa cidade chamada Aparecida de Goiânia, que fica na região metropolitana de Goiânia. Ela mora perto da BR 153 e meus irmãos... eu sou primogênito, digamos assim. Meus irmãos mais novos hoje já são adultos. Um vai fazer 23 anos agora no dia 6 de agosto, que é o João Lucas, e a caçula, a Beatriz, ela fez 19 anos agora no final de janeiro. Aí voltou a estudar, hoje ela também já deu uma ajustada na vida. Minha mãe, atualmente, trabalha numa empresa de reciclagem lá em Aparecida de Goiânia.

Daniel: Eles também estão no espectro ou é só você?

Sr. William: Não, só eu, só eu. Eu fui ser a parte atípica da família.

Daniel: Durante sua infância, adolescência, você chegava a ter amigos, você conseguia fazer amizades?

Sr. William: Muito raro, muito raro. Eu posso dizer que amigos, amigos para valer mesmo, são muito poucos, até hoje. Meus colegas de, por exemplo, de ensino fundamental, de ensino médio, a maioria praticamente eu não tenho quase nenhum contato, com algumas raríssimas exceções. Ensino técnico, praticamente a mesma coisa. O ensino universitário, um ou outro, mas eu acabei tendo alguns amigos mesmo, mesmo, mesmo, na área artística e na área da política.

Daniel: Você lembra a primeira vez que você ouviu o termo autista ou descobriu o que é um autista?

Sr. William: Cara, a primeira vez que eu ouvi a palavra autismo foi ainda na pré-adolescência, quando passou aquele comercial da AMA - e hoje eu tenho uma ojeriza a essa associação, a Associação dos Amigos do Autista - em que eles fizeram uma parceria com o Maurício de Souza. O Maurício de Souza criou um personagem autista, o André. Ele não falava. Foi a primeira vez que eu tive contato com o tema autismo. Agora, me aprofundar mesmo, me aprofundar, ler sobre neuro diversidade, tomar contato com coisas sobre como supremacismo Aspie, ecolalia e capacitismo, só no início da idade adulta. Porque mesmo eu tendo o diagnóstico, eu ainda não tinha aquela consciência de classe, porque eu comecei a atuar mesmo como ativista, a ser questionado, a ir pro *pau* mesmo, de 20 para 21 anos. Aliás, foi justamente no início da idade adulta que eu meio que foi o meu período de recomeço. Por que eu digo isso? Minha mãe se separou do meu pai em 2013, foi para Aparecida de Goiânia, ela está lá até hoje, mas ela na verdade é baiana de Bom Jesus da Lapa. Ela morou mais de 20 anos aqui em São Paulo. O meu pai, já com problemas de saúde, motivados pelo alcoolismo, foi embora de São Paulo no começo de 2015. No final de 2014 eu fui lá para a casa da minha mãe, fiquei lá dois meses, voltei no carnaval e através do pessoal do coletivo de Saúde Mental.

Daniel: Antes de conhecer o autismo, o que é ser autista, você tinha algum estigma, assim, que todo mundo um pouco tem sobre o que é o autismo.

Sr. William: Cara, quando eu era moleque, desconhecia tanto que nem falava sobre isso, nem dava tempo de algum raciocínio sobre isso. Aí, como consequência, eu fui conhecer também coisas sobre TDAH, sobre outras neuro divergências, dislexia e *o caralho a quatro*. Eu fui vendo que ser autista também é uma identidade, é você fazer parte de uma classe social oprimida. E olha que gozado, foi nesse ínterim também, principalmente depois que eu comecei a fazer ativismo que eu comecei a descobrir e comecei a descobrir uma...

Vídeo 3

Daniel: Parou de gravar de novo. Você pode repetir essa última parte, porque eu perguntei o quê?**Sr. William]:** Você perguntou sobre a primeira vez em que eu tinha tomado contato com...

Daniel: Ah, sobre o estigma e tal?

Sr. William: Sim, sim. Respondi que o primeiro contato foi muito pequeno, vendo o comercial da Associação dos Amigos do Autista, a AMA, eles tinham feito uma parceria com Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, ele criou um personagem chamado André. Um menininho autista, branco, que não fala e se comunica emitindo apenas alguns sons. Aliás, eu defendo comunicação alternativa. Acho que o autista não precisa necessariamente ter que falar, ter que se comunicar oralmente para se comunicar, existem outras formas de comunicação. Mas, assim, eu fui tomar consciência do autismo como identidade já no começo da vida adulta, depois que eu virei ativista e como consequência, acabei conhecendo outras neurodivergências como TDAH, que nós chamamos de déficit de atenção e Hiperatividade, dislexia, transtornos de aprendizagem, entre outras. neurodivergências. Aí eu fui tomando contato. Acho que isso me fez também criar uma consciência, digamos assim, marxista, de que a gente faz parte de uma classe social que toma porrada do sistema e que se não houver consciência de classe, se não houver uma união, uma construção coletiva e de um programa revolucionário, não vai adiantar nada. A gente precisa, em termos de ativismo político, fazer uma construção coletiva e, quando necessário, ir para o enfrentamento direto. A gente não pode abrir mão também de uma consciência crítica.

Daniel: Agora, provavelmente isso aqui vai ficar no começo da entrevista. É bom você falar o que é o espectro autista e falar quais são os problemas de desenvolvimento, quais são as neurodiversidades, essas coisas. Porque tem gente que nem sabe o que é.

Sr. William: Você que está me assistindo nesse momento, eu ouvi falar muito pouco de TEA, eu nem gosto de usar essa sigla TEA, prefiro falar autismo mesmo. O espectro do autismo, ele vai muito além de uma condição clínica, patológica. Esqueça essa definição do modelo médico. O autismo é uma identidade neurodiversa. Lógico, existem vários tipos de autismo. Por isso que é bom até falarmos em autismo no plural: autismos. Porque cada pessoa autista é única. Agora, a gente não pode ignorar os pontos comuns entre as pessoas que estão dentro do espectro do autismo. Entre as pessoas autistas. A gente gosta de ser chamado de pessoa autista, porque eu nasci autista, cara, eu vou morrer autista. Uma vez autista sempre é autista, não dá para tirar as manchas da onça, falando de uma forma metafórica. E, assim, o autismo é uma condição de neurodesenvolvimento divergente, que tem como característica alterações na parte sensorial e nós, por exemplo, temos muitas questões com a parte auditiva, a gente tem vários tipos de hipersensibilidade, sobretudo auditiva. Tem autistas que têm hipersensibilidade tátil, com relação ao toque, tem autistas que têm hiposensibilidade, ou seja, têm uma sensibilidade baixa a determinadas coisas. Autistas normalmente costumam ter hiperfocos, interesses muito fixos. Meu caso é de interesse fixo por política, por campanhas eleitorais antigas. Além também da questão da comunicação. Tem autistas que falam que é o meu caso. Tem muita gente que acha que para ser autista, a gente não pode falar, a gente não pode se comunicar oralmente, o que é uma besteira, um pensamento capacitista. Tem autistas que se comunicam usando outros códigos, usando comunicação alternativa. E acho que isso deveria ser estimulado, mas não pode ficar com esse negócio de forçar o autista não oralizado a falar, porque muitas vezes depois vira abuso, vira tortura. E tem também a parte social. Nós temos algumas questões com relação à interação social. Tem muitos autistas que são mais próximos, tem outros autistas que são mais reservados, tem outros que têm dificuldade em interagir com outras pessoas. E também isso se deve muito também à própria sociedade. Muitas vezes a maioria dos

espaços acabam sendo hostis com as pessoas autistas, por isso que se fala muito também da questão da sala sensorial, né, do autista, por exemplo, se ele entrar em colapso, entrar em crise, já vai ter um espaço para ele conseguir baixar a bola, poder controlar esse colapso. E mais do que isso, até o nosso modo de aprendizagem é diferente do modo de aprendizado de pessoas não autistas. Muitos autistas, por exemplo, podem adquirir outras condições coexistentes. Tem muita gente que usa o termo comorbidade, mas é um termo que é um reforçador capacitista, então a gente prefere usar - pelo menos nós que estamos no ativismo, no movimento pela neurodiversidade - a gente prefere usar o termo condição coexistente, porque são condições que coexistem com o espectro do autismo. Tem autismo que também tem TDAH, tem autista hiperativo, tem autista que tem dislexia. Então a gente precisa e é muito importante que a gente pense e desenvolva mecanismos de inclusão e de comunicação facilitada para essas pessoas autistas que têm essas condições coexistentes. E é muito comum eu encontrar autistas adultos que também têm TDAH, que têm outras neurodivergências, que fazem parte de outras neurodivergências. E, assim, tem essa questão e tem também a questão das crises. Nós, por exemplo, quando a gente está numa situação de crise, tem autista que quando entra em crise, começa a bater a cabeça repetidas vezes na parede e, assim, é um sinal de que alguma coisa não está legal. Então já liga o sinal de alerta. Tem famílias que filmam crianças autistas tendo crise, achando que está divulgando e tal, quando na verdade só estão sendo uns *puta de um babaca*, só estão sendo um bando de trouxas - eu até retiro

a expressão anterior porque eu me lembrei que ela tem também uma conotação capacitista - mas, digamos assim, que a pessoa sem perceber, está sendo escrota porque filma uma criança autista em crise para falar “isso é o verdadeiro autismo”, para tentar colocar na gente o rótulo de falso autista, que é muito comum dentro da comunidade do autismo. A própria comunidade do autismo tem também suas divergências e conflitos. E a gente não pode fugir desses conflitos.

Daniel: Para onde vamos agora?

Vídeo 4

Daniel [00:00':00" 00:00':11"]: Vou pedir para você falar um pouco dos recursos que você adquiriu para superar essas dificuldades. Como você falou, o próprio desenho, essas coisas.

Sr. William [00:00':12" 00:06':35"]: Então, um desses recursos, além do desenho, fazer desenhos e anos mais tarde, começar a fazer telas, começar a fazer o mesmo trabalho com artes plásticas, foi justamente a leitura. Eu diria que eu tive um pouquinho mais de facilidade para me enturmar com pessoas mais velhas na minha infância e adolescência do que com gente da minha idade. E eu também, acho que ao longo dos anos, fui aprendendo algumas estratégias - digamos assim - de sobrevivência. Ser autista é basicamente um ato de sobrevivência e de resistência. Principalmente se você conseguir contrariar as estatísticas, porque para você que está em casa me assistindo ter uma ideia, a expectativa de vida de uma pessoa autista adulta é de 35 anos. Tem pesquisas apontando que autistas têm uma expectativa de vida muito baixa. E isso se deve muito também a essa questão do sentimento de não pertencimento. Sabe, se as famílias passam por aquelas cinco fases do luto da Elisabeth Kübler-Ross, nós autistas, nós passamos por um processo meio que similar em termos de criação de consciência e de autoafirmação. O primeiro ponto é a negação: você não se reconhecer. O segundo ponto é você, aos poucos ir se reconhecendo, mas ainda sem aquela consciência crítica, aquela consciência de classe. O terceiro, que é talvez o ápice desse processo, que é você se reconhecer como pessoa autista, você ter ciência de que - vou até usou uma palavra feia aqui - você ter ciência de que dentro de uma sociedade neurotípica você é um *fudido*, você é uma pessoa *fudida* e que tem que lutar para ser o menos *fudido* possível. E o principal, né? Você se juntar com outras

pessoas autistas, outras pessoas *fudidas* que nem eu e que nem outras pessoas autistas para mudar essa situação. Inclusive, acho que eu passei - sem perceber - eu passei por esse processo. E o engraçado é que eu fui descobrir que eu passei por esse processo depois de ter participado de uma audiência pela ABRAÇA em 2019, lá na Câmara dos Deputados, inclusive. Sobre a minha entrada na ABRAÇA, já que eu toquei no assunto, a minha entrada na ABRAÇA foi até curiosa porque eu estava em vários grupos sobre autismo nas redes sociais, principalmente Facebook, isso em 2015 e 2016, e fui vendo o tanto de contradições e distorções,

visões distorcidas a respeito do autismo. E aí veio uma galera do Ceará, uma galera de Brasília, outros autistas adultos me procuraram, entre eles três pessoas que foram decisivas por esse processo: o Alexandre Mapurunga, que hoje está na coordenadoria de Políticas para a Educação Inclusiva no Ministério da Educação e foi por muitos anos secretário geral da ABRAÇA, chegou a ser presidente da ABRAÇA. A Rita Louzeiro, lá de Brasília, que é pedagoga. Ela também chegou a ser presidente da ABRAÇA e a Fernanda Santana, lá do Paraná, Curitiba. Eles três foram os que me abriram portas dentro da ABRAÇA, aí eu comecei a participar e a desenvolver, ajudar a desenvolver algumas coisas dentro da ABRAÇA. A ABRAÇA é uma associação formada por autistas, com o protagonismo total de pessoas autistas e existe há 16 anos, completamos 16 anos agora no final de abril e tem sede no Ceará, lá em Fortaleza. E a campanha que não sai da minha cabeça, uma campanha que eu participei e nunca mais esqueci foi a campanha de 2019, de participação política, que é uma campanha que eu ajudei a construir. E o ápice dessa campanha foi uma audiência pública no Dia do

Orgulho Autista, que é no dia 18 de junho, que aconteceu lá em Brasília, pela Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Na época, acho que era o padre João, os deputados federais padre João e Erika Kokay e na época, Áurea Carolina. Na época ela era deputada federal também. Aí ela se afastou para poder ser mãe e aí meio que deu um tempo para vida pública, mas eles foram importantes nesse processo. Eu participei com vários outros autistas. Foi a primeira audiência pública da história a ter só pessoas autistas na mesa. Era eu, era o Miguel Haru? e ele estava num processo de transição de gênero, uma pessoa autista trans, a própria Rita Louzeiro, Fernanda, o Alexandre Mapurunga e um rapaz chamado Vitor Hugo de Cajazeiras. E aí que eu vi a potência do ativismo, um autista não falante que usou comunicação alternativa para falar na audiência, até para quebrar com esse estereótipo de que autista que não fala, não se comunica. E justamente para contrapor a visão capacitista que a sociedade tem da gente. Então, foi para mim uma audiência muito especial, os olhos até brilham ao falar dessa audiência, foi *do caralho*, é o que eu posso dizer, foi *do cacete* essa experiência, inesquecível.

Daniel: Vou voltar um pouco lá antes. Quando você teve o diagnóstico, você passou a ter algum tipo de apoio da escola, da família, de alguma parte da vida, assim?

Sr. William: Cara, a maior parte do apoio vem de mãe. Escola, sinceramente, muito pouco. Eu nem culpo eles por isso. Por quê? Porque não se falava de autismo. *Porra*, anos 2000, o cenário era outro. Acho que seria muito fácil eu, a essa altura do campeonato, hoje com 30 anos de idade, culpar as escolas pelas quais eu passei, Prudente de Moraes,

Ulysses Guimarães, não havia, não se falava de autismo com a mesma frequência que se fala hoje. Hoje está mais fácil para se falar em autismo, sobretudo se falar sobre autismo em primeira pessoa, porque as redes sociais foram cruciais, pelo menos para alguma coisa essa *porra* tem que prestar. Então eu acho que para alguma coisa. Inclusive, uma boa parte do ativismo autista se dá, ainda, de uma certa maneira, pelas redes sociais, pela internet, porque muitos autistas têm dificuldades com... têm gatilho com relação à interação social e encontram nas redes sociais um refúgio. Compartilham experiências com outros autistas em grupos formados e liderados por autistas, não necessariamente

organizações institucionais como a ABRAÇA, e mais do que isso, organizações de autistas negros, de pessoas negras com deficiência. Eu sou um dos fundadores do instituto Vidas Negras com Deficiência Importam, o instituto VNDI. O VNDI começou a ganhar corpo, ganhar musculatura, ganhar vida, por incrível que pareça, durante os primeiros meses de pandemia, porque pouco se falava sobre o cruzamento entre autismo e raça, entre autismo e periferia. O VNDI começou a quebrar essa escrita. Hoje, o VNDI faz incidências internacionais em vários países. Em 2022, o VNDI fez um relatório sobre a situação das pessoas pretas com deficiência no Brasil e foi fruto de uma parceria com a própria ABRAÇA, o Minority Rights Group da Inglaterra, a Universidade de York, também na Inglaterra, se eu não tiver enganado, é óbvio. E várias outras organizações de direitos humanos. O Acessibilíndigena, porque o Acessibilíndigena é um coletivo, uma organização, que trata da questão das pessoas indígenas com deficiência, se não estiver enganado, enfim. A comunidade do autismomeio que teve que ser confrontada com essas outras realidades, porque o que acontece? Nós não temos apenas homens brancos, cis, de classe média, burgueses autistas. Nós temos pessoas pretas autistas, pessoas indígenas autistas, mulheres autistas, pessoas não binárias autistas, pessoas trans autistas, pessoas dentro da comunidade LGBT, gays, lésbicas, bissexuais, pessoas agêneres autistas. Enfim, o autismo é um leque de diversidade dentro desse mega leque de diversidade humana que existe. Eu acho que a gente não pode ignorar isso, não podemos de jeito nenhum, porque se não, a gente vai reforçar todo esse monte de estereótipo lixo, capacitista que só serve para nos matar.

Daniel: Qual você acha que é o reflexo desse diagnóstico menor dentro desse público periférico, fora da elite?

Sr. William: Fora da elite, da classe média? Isso é mole. Racismo, LGBTfobia, várias opressões de gênero, o elitismo, porque envolve também a renda. São várias opressões juntando com outra opressão, então são muitos reflexos. Sabe, eu cansei de ver notícia de criança e adolescente com deficiência dentro das periferias do Rio de Janeiro sendo assassinados por bala perdida durante operação policial. Isso é uma merda, sabe? É triste ver essas coisas. Aqui em São Paulo, o Ministério Público celebrou um termo de cooperação com a Polícia Militar para mudar as abordagens em pessoas autistas em crise.

Vídeo 5

Daniel: Começa da parte em que você estava falando de mudar as abordagens e tal, por favor.

Sr. William: Então, o Ministério Público de São Paulo, onde eu trabalho, inclusive, celebrou em 2019 um termo de cooperação com a Polícia Militar de São Paulo, que era para o estímulo a abordagens mais humanizadas dos policiais militares em pessoas autistas. Mas isso por si só não é suficiente, porque de que adianta eles receberem palestras sobre abordagem humanizada se depois eles no quartel, quando vão fazer formação em outras instâncias da Polícia Militar, eles são ensinados a matar, ensinados a perpetuar essa guerra contra os pobres. A guerra às drogas é um pouco o reflexo disso também, porque muita gente tem medo de falar isso. Porque aí vão cair naqueles lugares comuns, muito em parte a imprensa tradicional, a imprensa burguesa acaba estimulando esses conflitos também, porque aí vai entrar em um monte de coisa como tráfico de drogas, dependência química, aí entra também na criminalização de estilos musicais e culturais vindos da periferia, vindos de fora da bolha eurocentrista - e, lógico, né? - estimula o ódio de classe. Existe atualmente um ódio de classe no Brasil e em outros países, isso não é exclusividade nossa.

Daniel: Você pode falar um pouco da transição de sua adolescência para a vida adulta e tal, e essa questão racial?

Sr. William: Em parte eu acho que eu respondi um pouco. Não foi também uma transição fácil e eu mesmo lidei com algumas...eu mesmo sofri algumas situações de capacitismo, eu nem gosto de entrar em detalhes, né? Mas, eu já passei por situações em que mesmo eu com o diagnóstico em mãos, a pessoa falar que eu não era autista. Cara, é reflexo da ignorância. E com certeza, se tem algum autista me vendo e que passou pela mesma situação, ele vai saber do que estou falando, ele vai saber do que eu estou discorrendo aqui. Porque, *meu*, são experiências diferentes, mas eu as vivi. Cada autista passa por uma situação, por um leque de experiências capacitistas diferentes. Então, repito, não dá pra ficar fazendo comparações e ilações. Mas assim, se não fosse pela parte artística, se não fosse também por eu também querer correr atrás de tentar me virar, crescer por conta própria, sem depender o tempo inteiro de terceiros, de intermediários, lógico, com vários suportes, mas sem ficar preso o tempo inteiro a esses suportes, se eu não tivesse corrido atrás também, ter rompido com com essa relação de dependência, eu nem sei se estaria aqui hoje, honestamente. E aí, durante esse processo, fiz dois cursos técnicos, um de Comunicação Visual, hoje designer gráfico pela ETEC Carlos de Campos e de Técnico Legislativo pela ETEC CEPAM. Eu fui da Primeira Turma de Técnicos Legislativos pela ETEC CEPAM e acho que foi nesse período, na ETEC CEPAM, que me senti mais feliz academicamente, porque envolveu um tema que é meu hiper foco de autista e que acabou me levando consequentemente para o curso de Gestão Pública pela USP, no

caso USP Leste, mas eu acho que eu, pelo menos em termos de produção acadêmica, me senti muito mais feliz quando eu era aluno do curso de Técnico Legislativo pelo CEPAM. Porque eu fiz primeiro esse de Comunicação Visual pela USP porque eu queria incrementar a questão do marketing político - aliás, da USP não, da ETEC Carlos de Campos. Vou até reformular a frase: porque no Cacá, eles chamam de Cacá, chamam a ETEC de Cacá, eu vi que o pessoal não estava muito interessado no tema de marketing político, de como usar a comunicação visual em campanhas eleitorais. Eu fui muito também para buscar conhecimento nessa área para poder aplicar até mesmo nas minhas vivências, nos meus experimentos artísticos. Eu, por exemplo, fui aprender a mexer em Photoshop para poder aprender a montar material de campanha eleitoral, montar santinho, montar filipeta, montar flyer. Aprendi a mexer no Illustrator para aprender a fazer identidade visual, gradação de paleta de cores, entre outras coisas. Então, essa passagem pelo Carlos de Campos foi fundamental nesse aspecto. Agora, para aprender a lidar com as questões de contradições do poder público, foi sem dúvida o período em que eu fiz o curso de Técnico Legislativo pela ETEC CEPAM.

Vídeo 6

Daniel: Beleza. Agora, falar um pouco da sua transição da adolescência para a vida adulta, dessa parte da aceitação, começar nessa militância do autismo.

Sr. William: Pois bem, eu meio que já falei um pouco em parte. Eu parei na parte do ativismo ah, sim, depois eu falei da minha entrada na ABRAÇA. Aí eu fui participando de outros coletivos, outras mobilizações, até eu me encontrar dentro do ativismo. Agora, até o ativismo gera sobrecarga, porque, sabe, são muitos interesses para enfrentar e às vezes você tem que... são contradições para expor e às vezes você precisa expor essas contradições de uma forma mais dura. Porque querendo ou não isso acaba causando também um desgaste mental, isso afeta também a saúde mental. O ano passado foi meio que um ano sabático para mim, decidi dar um “descansinho” de cabeça para mim. E eu voltei agora com corda total agora no começo do ano, no Sindsemp de São Paulo, que é o Sindicato dos Servidores do MP, do qual eu sou segundo tesoureiro, e dentro do MP eu ajudei a construir o movimento Nenhum Servidor a Menos, que é o movimento que surgiu no ano passado

por conta dos casos de assédio moral, sobrecarga de trabalho e também por conta de três casos de suicídio, atenção para o gatilho, dentro do MP. Entre 2022 e o ano passado, tivemos três casos de servidores que tiraram a própria vida e isso gerou uma comoção nacional, inclusive. Houve uma manifestação na porta do MP porque a situação era aterradora e o movimento, consequentemente, começou a se fortalecer. Porque a gente levava e leva os casos para as redes sociais e, como consequência, a gente decidiu se organizar. Formou uma chapa, essa chapa acabou ganhando as eleições do sindicato. E foi uma eleição difícil, porque o antigo presidente se meteu em um monte de problemas. Ele, inclusive, assumiu o lugar de outro presidente que havia sido eleito na eleição anterior e que renunciou porque descobriram que ele tinha cometido um monte de irregularidades. Aí ele sumiu. E, assim, não foi um processo fácil. Foram duas chapas de oposição. A antiga presidência não lançou nem candidato, porque ninguém se atreveria a representar uma gestão que foi feita para ser esquecida. Basicamente era um sindicato pelego e que não representava de fato os servidores. E aí, com a chegada do movimento Nenhum Servidor a Menos na diretoria do sindicato, nossa presidente hoje é a Ticiane Lorena Natale, ela é oficial de promotoria e foi uma das principais vozes do Nenhum Servidor a Menos. E hoje a gente conseguiu já algumas conquistas. Nós mudamos a sede do sindicato para a região central, praticamente ali em frente ao edifício sede do MP, na Rua Riachuelo. O SINDSEMP está participando com representação lá do Encontro Nacional da FENAMP, que é a Federação das Associações de Servidores dos Ministérios Públicos de todo o país. E agora a gente está no meio de uma campanha salarial, porque a gente está pedindo - vou até aproveitar a ocasião para falar dessa campanha salarial - a gente está lutando pela abertura de uma mesa de negociação com o procurador geral de Justiça e a gente está pedindo uma reposição de 28% das perdas salariais e por conta das perdas que a gente teve desde 2015, fora outros temas que devem entrar na pauta de reivindicações a serem levadas para a mesa de negociação. Então esse ano eu também iniciei, estou meio que iniciando minha vida como ativista sindical. E, lógico, dentro do SINDSEMP estou pautando a questão das pessoas com deficiência, sobretudo, o problema da concessão de aposentadoria especial para os servidores com deficiência, porque tem ocorrido muitos problemas internos em relação a esse tema, porque vários servidores chegaram até mim e comentaram que tem sido difícil por conta primeiro da avaliação biopsicossocial, estaria sendo feito de forma inadequada e muitos servidores têm sido prejudicados. Segundo a questão das perícias, muitos servidores com deficiência têm que se deslocar do interior para vir fazer exame na capital e quando leva os resultados do pedido de concessão, de equiparação, porque tem a questão da paridade que está prevista na súmula 33 do Supremo Tribunal Federal e, muitas vezes, o pedido é negado. Então está criando problema para os servidores com deficiência que estão lotados no MP de São Paulo. Então, essa é uma questão que estou discutindo dentro do SINDSEMP. Aí, voltando à questão da minha formação como ativista, eu fui conhecendo outros autistas ativistas e fui trocando experiências com eles. E, assim, eu sinto que não estou maistão sozinho assim, porque, como eu falei no começo, é um autismo *fudido*, encontrando outros *fudidos* e se juntando para acabar com esse cenário de infortúnio e de exclusão. Então, eu acho que ser ativista ao mesmo tempo que traz para mim um peso muito grande, uma responsabilidade muito grande e gera até algumas consequências, umas positivas e outras nem tanto, ao mesmo tempo que é uma responsabilidade enorme, ser ativista, para mim é honrar um compromisso, uma missão de vida com outras pessoas autistas, com outras pessoas neuro divergentes, de uma certa maneira. Então, acho que a reflexão que fica é a seguinte: vou até usar uma frase que a gente usou na campanha que eu mencionei de 2019 - *autistar* é resistir. A gente transformou o autismo em verbo. *Porra*, vocês têm ideia da dimensão, da importância que é você pegar uma condição, uma identidade neuro diversa e transformar em verbo, transformar em instrumento de resistência política? Cara, uma coisa que não está no gibi. Uma coisa que eu vivencio

diariamente. Ser ativista dá dor de cabeça, mas se eu não tomar iniciativa, quem é que vai fazer isso por mim? Pergunto a você aí de casa: se não sou eu, se não são outros ativistas autistas que muitas vezes arriscam a própria parte sensorial, arriscam a própria pele para defender os seus direitos, os direitos de outros autistas, se não tem essa mobilização coletiva, quem é que vai fazer isso por nós? Pais e mães azuis? Que muitas vezes defendem apenas seus próprios privilégios como pessoas neuro típicas? Esses médicos especialistas, a maior parte deles, um bando de picaretas, bando de interesseiros que não estão nem aí para a nossa qualidade de vida, só querem saber do nosso dinheiro e do dinheiro das nossas famílias? Cara, confiar nessa turma aí, confiar no que eu chamo de paladinos azuis, porque tem uma coisa dentro da comunidade do autismo que é o tal de usar o azul para representar o autismo. É uma representação mega questionável. Eu diria que é uma representação muito errada, porque além de ser uma representação elitista, é uma representação machista, porque passa aquela falsa ideia de que o autismo é uma condição exclusivamente infantil, masculina, de classe média e restrita a crianças brancas.

Daniel: Perguntei sobre a sua transição do autismo e a transição da sua vida desde a adolescência para a fase adulta e essa questão da militância. Até 00:00':44''

Sr. William: Eu meio que dei uma resposta em parte, falando de todo o meu processo no período de ensino técnico. Mas, indo direto ao ponto, o ativismo começou mesmo nas redes sociais e apenas recapitulando. Lógico, o ativismo também sobrecarrega um pouco, gera uma sobrecarga, às vezes você tem que descansar um pouco a cabeça. Eu precisei fazer isso ano passado. Sabe, porque ser ativista significa você ir para o enfrentamento direto também. Sabe, contestar interesses e enfrentar algumas coisas bem antiéticas. E o ativismo, ao mesmo tempo em que ele é importante, ele gera um certo desgaste, sobretudo no que tange à saúde mental. Então precisei dar um tempo do ativismo no ano passado e voltei agora, esse ano, voltei mais recentemente. Na verdade, estou até estreando no ativismo na área sindical, porque agora sou segundo tesoureiro do Sindicato dos Servidores do Ministério Público de São Paulo, o SINDSEMP-SP. E o mais engraçado é que foi justamente durante esse período sabático que eu passei, que eu comecei a ajudar a organizar, junto com outros colegas do MP, o movimento Nenhum Servidor a Menos, que foi um movimento criado por conta de uma série de acontecimentos muito infelizes dentro do MP de São Paulo. No intervalo de um ano, isso a partir de 2022, tivemos três casos de servidores que tiraram a própria vida. E tudo por conta de assédio moral, sobrecarga de trabalho e humilhações constantes dentro do ambiente de trabalho, entre outras coisas. E o movimento, ele começou a se organizar ano passado e levou casos de servidores, todos eles com os nomes mantidos em anonimato para que eles não sejam expostos e não sejam submetidos a retaliação, os servidores, dando os seus depoimentos de forma anônima, denunciando esse... sabe, todas essas humilhações, todas essas opressões dentro do dentro do MP, dentro do ambiente de trabalho. E, assim, esses três casos de suicídio - é muito importante deixar aqui o alerta do gatilho - esses três casos infelizes e desastrosos para a instituição, acabaram sendo um dos combustíveis para que o movimento surgisse, se organizasse e desse estímulo para os servidores criarem coragem e falarem "chega de ser injustiçado". Eu entrei no Nenhum Servidor a Menos para pautar, principalmente, as questões envolvendo os servidores com deficiência. E agora, o movimento Nenhum Servidor a Menos, o processo de organização foi tão significativo que no final do ano passado a gente decidiu montar uma chapa para disputar a direção do sindicato dos servidores do MP. E não foi uma eleição fácil. Foi uma eleição muito complicada, a antiga direção sequer lançou candidato, porque ninguém queria se atrever a ter seu nome vinculado a uma gestão para ser esquecida. E o antigo presidente, inclusive, entregou para nós o sindicato todo *zuado*, todo bagunçado. Com vários problemas financeiros e a gente está no sacrifício, né? A nossa gestão... o sindicato é presidido pela colega Ticiane Natale e, assim, ela é uma das principais vozes do Nenhum

Servidor a Menos. Se não fosse ela e outros colegas para darem a cara a tapa para denunciar as mazelas que ocorriam, que ainda ocorrem de uma certa maneira, dentro do MP, talvez esses casos continuassem sendo abafados e assim, só nesses 2 primeiros meses de gestão a gente já conseguiu mudar a sede do sindicato para a região central, em frente ao edifício sede do Ministério Público de São Paulo e conseguimos desfazer alguns contratos fraudulentos feitos pelas gestões anteriores. E a gente está com uma campanha salarial, está em vias de abrir a mesa de negociação para a campanha salarial. A gente está pedindo a reposição de 28%, que é o percentual correspondente às perdas salariais que tivemos desde 2015, além de outros temas. E um dos temas que eu estou colocando através do SINDSEMP é o da aposentadoria especial para servidores com deficiência. Por quê? O Ministério Público de São Paulo, acho que desconhece a Súmula 33 do Supremo Tribunal Federal, porque eu fui procurado por outros colegas com deficiência e eles me falaram, se queixaram muito da forma como a avaliação biopsicossocial tem sido feita dentro da instituição. Muitos servidores com deficiência têm que se deslocar do interior para a capital, gastar dinheiro para fazer perícia e quando chega o resultado da perícia, o benefício simplesmente é indeferido, o pedido de equiparação. Porque quando eu falo em aposentadoria especial, falo basicamente da paridade prevista na Súmula 33 no STF, porque a paridade com relação ao tempo de contribuição do servidor com deficiência poder requerer a aposentadoria porque a contagem de tempo é diferente da contagem de tempo feita por um servidor sem deficiência. Então, até nisso a gente precisa se debruçar. E eu creio que basicamente, nesses últimos anos, que fui adquirindo essa consciência e trocando experiências e vivências com outros autistas e com outros ativistas com deficiência. Perdi companheiros no meio do caminho, isso é óbvio. Agora, o que a gente não pode perder jamais é a coragem, a disposição para se organizar. Porque, aquilo que eu falei, sou só mais um *fudido*, me organizando com outros *fudidos* que nem eu, para a gente sair dessa situação de injustiça e de exclusão. Então, eu acho que essa talvez seja a principal mensagem que eu deixo aqui para vocês. Se você está sendo excluído junto com um monte de gente igualmente excluída, não vai ter sistema no mundo para segurar uma mobilização coletiva.

Vídeo 8

Sr. William: Então, vida pessoal e profissional para um autista adulto nunca é fácil. Às vezes, o pessoal olha feio para você, às vezes eu ainda percebo isso, em alguns momentos. E, assim, o autista temo que eles falam que é um olhar um pouco perdido, mas na verdade, a gente está tentando encontrar um ponto de fuga para se regular sensorialmente. Até isso as pessoas acham estranho, acham esquisito. Não só na vida profissional, mas na vida escolar. No ambiente de trabalho, eu estou no Ministério Público há sete anos. Tomei posse em maio de 2017, no mesmo ano em que eu entrei para a USP Leste. Mas, antes, eu já tive experiências como estagiário. Eu fui por três ou quatro vezes estagiário da extinta FUNDAP. E nas duas primeiras experiências, eu não tive tantos problemas. Na terceira experiência, lá na Secretaria de Meio Ambiente, as pessoas já começavam a pegar um pouco no meu pé por conta de... principalmente porque eu tenho esse vozeirão, né, as pessoas se incomodam quando eu falo muito alto, eu percebo isso, eu não sou otário. E, assim, às vezes o capacitismo velado machuca mais do que o capacitismo na sua forma explícita, sabe, às vezes isso machuca mais como uma exclusão feita por baixo do pano do que uma exclusão escancarada. Então, eu já passei por alguns momentos delicados no ambiente de trabalho. No MP, por exemplo, hoje eu estou alocado em outro setor, mas no setor que eu estava, quando eu entrei, o auxiliar encarregado, que estava responsável pelo setor em que eu trabalhava, eu ouvi gente falando que ele fuçava nas minhas coisas para ver se eu estava fazendo alguma coisa paralela ao meu trabalho. E confesso até

que quando eu soube disso, eu não acreditei. Vai ter sempre uma filha *da puta* para te prejudicar. E não foi a primeira vez que eu passei por isso, com certeza não vai ser a última. Tem sempre um *filho da puta* pra... sempre um infeliz, tem sempre um mal amado, vamos dizer assim, pra te prejudicar. E aí com certeza eu não fui nem serei o único a passar por isso. Mas, quando se trata de servidor público, quando você é servidor com deficiência e ainda por cima servidor autista, velho, cara... o peso da marreta é maior. Atualmente eu estou em outro setor, né, eu fui transferido há pouco mais de três anos. Eu trabalhava no arquivo do Centro de Gestão de Pessoas e hoje eu trabalho no Centro de Apoio Operacional Cível. Eu estou na Secretaria Executiva do CAO, que é a sigla, CAO Cível. E foi por meio de uma promotora de Justiça que conheceu o meu trabalho, a Dra. Sandra Lucia Garcia Massud, que eu fiz essa transferência. Ela me chamou para participar de algumas mesas de debate dentro do próprio MP como palestrante. A primeira foi em 2018. Depois eu participei de mais alguns eventos pela Escola Superior e, assim, hoje eu sinto que eu estou numa situação um pouco melhor no setor onde eu estou atualmente, porque eu dei sorte de ter colegas compreensivos, um oficial chefe compreensivo com a minha situação. Quando eu preciso me ausentar para fazer alguma coisa, eu a comunico com antecedência e está tudo certo. Lógico que não é todo mundo que tem essa mesma sorte, então também não posso ficar usando o tempo todo minha experiência individual como parâmetro para comparar com a experiência dos outros. Então, eu sinto que eu evolui bastante. Em termos de interação, eu acho que foi também nesse período que a interação e convivência pessoal se deu melhor. Passei a morar sozinho, hoje eu moro sozinho, tenho minha vida, consigo relativamente pagar minhas contas por conta própria, eu também comecei a fazer telas e consegui fazer alguns amigos, muitos deles que já de longa data eu carrego para a vida inteira e que nos momentos de dificuldade estenderam a mão pra mim. E, assim, eu comecei a ir mais em algumas festas, conhecer algumas pessoas, mostrar, muitas vezes, meu trabalho para elas, falar um pouco da minha vida pessoal e também da minha vida de ativista. Porque também, né, ninguém é de ferro. Os autistas também sabem socializar, à nossa própria maneira, é claro. Mas acho que até isso, acho que eu avancei bastante. E também, eu fui evoluindo também com contato com outros marcadores sociais, eu fui vendo algumas coisas que eu pensava no passado, hoje não penso mais, porque entendo que eram pensamentos problemáticos. Eu fui conhecendo histórias de outras pessoas pertencentes a esses marcadores sociais e, velho, uma das minhas melhores amigas é justamente uma cantora, produtora cultural, lésbica, preta, vinda da periferia de Osasco. Mais de dez anos de amizade, sabe, não é para qualquer um. E mais do que isso, até mesmo no meu ativismo, na minha militância dentro do PSOL, mais especificamente com o coletivo de Educação em Primeiro Lugar, eu fui conquistando também grandes amizades. Eu diria que fui conquistando grandes amigos, grandes companheiros, companheiras. Eu acho que eu evolui bastante e eu acho que posso evoluir ainda mais, porque assim, ninguém nasce perfeito e, evidentemente, isso seria impossível, o cara nascer perfeito. Mas conforme a gente vai aprendendo e a gente vai... conforme eu vou aprendendo, conhecendo outras histórias, eu acho que também isso me faz refletir no modo como eu enxergo a sociedade, o modo como eu lido com a sociedade e acho que isso me fez até bem, ter contato com essas pessoas, com essas vivências. E mais do que isso, até encontrar pontos em comum com essas pessoas, gostos em comum. Por isso que é muito importante a gente falar de inclusão e, sobretudo, de emancipação. Porque inclusão não pode ser uma palavra da boca para fora, não pode ser apenas parte de um discurso moralista solto da boca para fora para ficar fazendo demagogia e para ficar fazendo falso moralismo, ficar fazendo ladainha para enganar trouxa, tem que ser uma prática diária.

Vídeo 9

Sr. William: Cara, eu não sei bem o que eu aspiraria para o futuro. Mas o que eu posso dizer é o seguinte: eu quero continuar ajudando a reconstruir o SINDSEMP de São Paulo, continuar fazendo o ativismo que eu sempre fiz, no caso, aprimorá-lo. Agora, estou também na rede de autodefensores do Ministério da Educação. E, assim, depois desse descanso de cabeça que eu tive no ano passado, retomei o trabalho de conclusão de curso para terminar, eu quero basicamente levar essas questões para mais perto do poder público. Tanto que a ideia do meu TCC é justamente começar a construir um guia de construção de políticas públicas para a população adulta que está no espectro do autismo. Falar sobre comunicação alternativa, sobre acessibilidade sensorial. Desenvolver e ajudar a construir políticas públicas para acesso e permanência no ensino superior, no mercado de trabalho, enfim, projeto de vida. Então, estou num momento da minha vida em que agora eu vejo que é mais adequado ter aspirações um pouco mais modestas. Porque eu digo isso? Porque às vezes você quer almejar uma coisa muito grande, aí, na hora que vai fazer, você toma um tombo maior que a carapuça, então, estou num momento em que eu comecei a ir um pouco mais devagar. Ver uma de cada vez, ver onde eu consigo fazer o enfrentamento, onde não dá para fazer enfrentamento, onde eu tenho que ali chegar aos poucos, sem, sabe, sem causar muito atrito, enfim. Eu acho que a minha aspiração principal é ver outras pessoas que nem eu sobrevivendo, podendo ter condições para se virar, podendo ter condição para escrever sua própria história sem ter que ficar dependendo o tempo inteiro de intermediários, sem superproteção e de preferência sem capacitismo, sem exclusão, sabe? Enquanto eu respirar, enquanto eu tiver forças, enquanto eu tiver perna e energia pra dar, essa vai ser uma das minhas missões de vida, se não a principal, uma das. E lógico, eu quero poder fazer também, pode também fazer uma carreira legal nas artes plásticas e poder aprimorar meus dotes como artista plástico e retomar alguns projetos que eu deixei parados, principalmente durante o período da pandemia. Então, acho que minhas aspirações principais para o futuro são essas. E, assim, você que quer lidar com uma pessoa autista adulta, o primeiro passo que tem que se dar é ouvir ela, ouvir cada história de vida do autista adulto para você poder também desenvolver estratégias de convivência. Você entender por que ele às vezes tem um olhar perdido, por que às vezes ele quer se isolar um pouquinho. Sabe, acho que a paciência, a compreensão, a empatia, que é uma palavra que está tão em voga, mas que ao mesmo tempo, às vezes acaba sendo tão distorcida ultimamente, é algo importante. Sabe? Compreensão, empatia e suporte, eu diria. E o primeiro passo é desenvolver a escuta ativa, você ouvir o autista falar, a escuta em primeira pessoa. Porque muitas vezes eu vejo matérias sobre autismo e normalmente quem eles chamam: pais, mães, especialistas e na maioria das vezes deixam a gente para escanteio, ou quando chamam a gente para falar, é só para falar o que eles querem ouvir e não para ouvir a verdade. Sabe? Acho que isso é uma coisa que a gente precisa repensar. Escuta ativa em primeira pessoa, compreensão, empatia, suporte como necessário. Fazer a pessoa autista se sentir pertencente à sociedade. Respirar esse pertencimento, sentir esse pertencimento. Porque isso é uma coisa muito importante para a gente, sobretudo, sobreviver. Tem muitos autistas que não estão no ativismo porque eles estão brigando basicamente pela sobrevivência, como qualquer outro trabalhador, como qualquer outra trabalhadora. Então, acho que é isso que eu deixo como dica, antes de mais nada. E eu só tenho a agradecer pelo Daniel, por todo mundo do projeto, pelo convite para dar esse depoimento e eu estou convicto de que a gente vai poder abrir caminhos para que as pessoas autistas, incluindo esse que vos fala, possam não só ter uma qualidade de vida melhor, mas que possam ter suas histórias contadas, replicadas e conhecidas para que a gente possa também compartilhar essas histórias com outras pessoas que têm basicamente

as mesmas vivências ou vivências diferentes, mas com alguns pontos em comum. Acho que é isso.¹

¹ ¹O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.